



Jornal da AV-Rio

ASSOCIAÇÃO DE VIOLÃO DO RIO

Fundada em 20 de Janeiro de 2001

Inscr. CNPJ: 04.517.089/0001-19

Caixa Postal 70007 – CEP 22422-970 – Rio de Janeiro, RJ

<http://www.av-rio.org.br> ou avrio@av-rio.org.br

ANO VIII Nº4
Julho / Agosto 2008

EDITOR: **Nicolas de Souza Barros** // CONSELHO EDITORIAL E
CONTRIUBUIÇÕES: **Sergio Abreu, Henrique Pinto, Julio Cepeda e Vinicius
Freitas Perez.**

DIRETORIA EXECUTIVA

PRESIDENTE:

Julio de Cepêda

VICE-PRESIDENTE:

Waldinar Santos

Menezes

DIRETORES:

Marco Lima,

Nicolas de Souza

Barros,

Vinicius de Freitas Perez

CONSELHO FISCAL:

Aljjeri Simões

Carneiro, Ayres Andrade

de Mello e Humberto

Amorim

SUPLENTES:

Delcy de Souza, Renato

Isidoro, Ricardo Dias

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE:

Calos Augusto Góes

VICE-PRESIDENTE:

Duda Anízio

MEMBROS:

Genésio Nogueira, Julio

de Cepêda, Leo Soares,

Maria Haro, Marco Lima,

Nicolas de Souza Barros,

Paulo Targino da Silva,

Pedro Augusto M.

Barreto, Vinicius de

Freitas Perez, Waldinar S.

Menezes

SUPLENTES:

André M. Porto, Armildo

Uzeda, Mara Lúcia Maia,

Vera de Andrade

85º ENCONTRO DE VIOLÃO

26 de julho de 2008

EDUARDO MINOZZI (SP – EUA): violão

18:00. Entrada Franca.

UNIRIO: Sala Heitor Villa-Lobos. Entrada franca.

Av. Pasteur 436 fundos, Praia Vermelha.

PROGRAMA

Domenico Scarlatti (1685-1757)

- Sonata K391

- Sonata K209

Lennox Berkeley (1903-1989)

- Sonatina op. 51

I. Allegretto

II. Lent

III. Rondo

Egberto Gismonti (1947)

- Central Guitar

G.F. Haendel (1685-1759)

- Suite Nº 7 HWV 432

I. Overture II. Andante

III. Allegro IV. Passacaille

Ronaldo Miranda (1948)

- Appassionata (1984)

EDUARDO MINOZZI COSTA

O violonista Eduardo Minozzi Costa toca com um entusiasmo e energia que captura a imaginação do público e os conduz a um mundo de espontaneidade, criação e fantasia. Recebeu a primeira colocação nos seguintes concursos:

- *5th St. Joseph International Guitar Competition (2007)*
- *Portland International Guitar Competition (2007)*
- *IV Beeston Guitar Competition (2006)*
- *XV Souza Lima Guitar Competition (2004)*
- *VIII Musicalis Guitar Competition (2004)*
- *XIII Rising Project – USP – Classical Music Competition. (2003)*

Atualização de Endereço: Caro Associado: se você não está recebendo nosso Jornal e/ou não recebeu o boleto de cobrança da 1ª semestralidade de 2008, certamente é porque seu endereço não está atualizado em nosso cadastro. Mantê-lo atualizado garante a regular entrega do Jornal e evita que você fique em atraso com suas semestralidades. Atualize também seu endereço de e-mail, garantindo o recebimento de avisos de concertos e recitais.

Atualize logo seu endereço, enviando e-mail para nós:

avrio@av-rio.org.br



Como músico de câmara, Eduardo foi membro do *Trio Opus 12* ao lado de Paulo Porto Alegre e Daniel Murray – o trio também já tocou como um quarteto ao lado de Edlton Gloeden.

Como membro do *Quarteto Quartz*, Eduardo obteve o 1º lugar no Concurso Nascente realizado pela Universidade de São Paulo em 2003.

Com o *Quartz*, tocou em Campos do Jordão, Curitiba, Santos, São Carlos, Osasco, Bauru e São Paulo.

Completou seu Bacharelado em Violão Erudito na Universidade de São Paulo sob a orientação do Dr. Edlton Gloeden. Durante seus estudos, Eduardo, Gabriel Navia, Ítalo Aoki e Thiago Abdalla realizaram a primeira audição nacional dos *24 Prelúdios e Fugas* de Mario Castelnuovo-Tedesco. Ele também recebeu diversos prêmios; vencendo o reconhecido concurso Souza Lima, pelo qual foi oferecido uma viagem cultural aos EUA, sob o patrocínio do Consulado Geral dos Estados Unidos da América. Nessa viagem, obteve bolsa de estudos integral para realizar o Mestrado em Guitar Performance na Universidade de Arizona. Também foi nomeado como professor assistente (GTA) sob a orientação do Professor Thomas Patterson.

Nos EUA, Minozzi foi convidado para tocar em Portland, Houston, Boston e St. Joseph. No primeiro semestre de 2008, Eduardo venceu o "Northern Trust/Piper Enrichment Award": "(...) Um prêmio em memória de Virginia Piper deverá ser concedido anualmente para um estudante de pós-graduação em artes performáticas para expandir a inspiração, a riqueza cultural e pesquisa do estudante" Esse prêmio permitiu que Eduardo participasse do Festival Internacional de Koblenz (5-12 de maio) e também com que estudasse com diversos professores reconhecidos na Europa.

AV-Rio no Castelinho do Flamengo

Centro Cultural Oduvaldo Vianna Filho: Praia do Flamengo 158 (próximo ao Metrô Largo do Machado)

Saraus: 15-00 – 1700. Palestras: 17-00 - 18:30.

PRÓXIMAS PALESTRAS:

12 de julho. Armildo Uzeda: A Partitura - Uma visão detalhada".

9 de agosto. Luis Carlos Barbieri: "Planejamento do Estudo do Violão"



Festivais – uma experiência

por Henrique Pinto

Lembro da primeira aventura de sair de meu país para viajar com a intenção de frequentar um Festival de Música, isto foi no ano de 1.970 e o Festival era em Santiago de Compostela, na Espanha. Já estudava violão há algum tempo e o universo que freqüentava era da cidade de São Paulo e seu professor maior era Isaias Sávio. Era ele que praticamente comandava todo movimento violonístico que acontecia, desde os concursos, concertos de seus alunos e era a escola que

determinava o aprendizado do chamado “violão erudito”. Foi ele que trouxe a escola européia com sua técnica, repertório e o processo pedagógico que frutificou em discípulos que seguiram seu aprendizado, tendo como exemplo maior Antonio Carlos Barbosa Lima, hoje sendo uma das grandes figuras do violão internacional. Foi com este violonista, que tive aulas durante um ano, que me estimulou na aventura de ir a Santiago de Compostela, mas tinha outro atrativo maior, este Festival possuía a cadeira de violão e sua posse era de Andrés Segovia. É claro que eu já sabia antecipadamente que o sucessor era seu aluno José Thomaz, mas estar em Compostela e saborear o requinte que o nome Segóvia emanava já era o suficiente para ir à busca de subsídios para esta viagem. Tive um patrocinador, João Teixeira Pinto, um parente médico que pagou minha viagem e acreditou que eu faria um bom aproveitamento desta que, realmente, foi fundamental para meu desenvolvimento no instrumento e visão musical. E lá vou eu, saindo do aconchego de minha cidade para um país que fica a 12 horas de viagem de avião, falando uma língua semelhante à minha, mas difícil de entender, mas aos tropeções fui inventando um portunhol que dava para trocar algumas informações. O primeiro movimento, estando na cidade de Madri, foi ter que ir à oficina de José Ramirez, o construtor do violão mais ambicionado naquele momento, fui buscar um instrumento que alguém de São Paulo havia encomendado, foi uma experiência e tanto estar ali e conversar com o luthier dos violões que Segóvia usava. Fiquei um dia em Madri e em seguida fiz um vôo para Compostela. Tudo isto em minha cabeça era um pouco caótico, mas fui seguindo todos os detalhes de estar no alojamento do Festival e à noite estar para a abertura, que foi na Prefeitura de Santiago de Compostela, juntamente com o Sr. prefeito e autoridades. Mas o mais importante foi vivenciar o “Hostal de los Reyes Católicos”, um magnífico prédio erigido no século XVI, todo construído com pedras, tendo um vão em seu interior e ali um magnífico jardim e fontes que o ornamentavam, nos passando a visão mítica das “mil e uma noites”. Ladeando este jardim estão as salas que são ministradas as aulas, muito amplas, com suas paredes em pedras, sendo um ambiente ideal para a sonoridade do violão, com uma reverberação adequada que traz conforto ao violonista, ampliando sua sonoridade e retornando, realizando uma equalização perfeita. Foi nesta sala que tive as impressões que iriam acrescentar um universo novo do violão à minha pequena vivência musical.

Fui apresentado ao professor José Tomás, eu e mais 40 alunos que participamos de suas aulas, todos tocamos o primeiro dia para sua avaliação, mas a grande surpresa foi conhecer colegas como Ishiro Suzuki (Japão), Gabriel Estarellas (Espanha), Balthazar Benitez (Uruguai), Evangelos Buduniz (Grécia) e outros de igual estatura artística, que vieram acrescentar e modificar minha visão sobre meu instrumento, ampliando minhas perspectivas de trabalho e me colocando como aluno que teria um longo caminho pela frente para crescer e desenvolver a profissão que tinha escolhido, a de violonista.

As obras que foram solicitadas para frequentar o Festival foram: Peças Características de Federico Moreno Torroba e a Suíte Inglesa de John Duarte e levei trabalhadas algumas outras obras que fui apresentando durante as aulas em que pude tocar. Devo ter tocado para Tomás quatro vezes, mas o mais importante foi ouvir os colegas que trouxeram obras como a Chaconne de J.S.Bach, Sonatas de M.Ponce, peças de M.Castelnuovo-Tedesco, de Leo Brouwer (que ainda me era desconhecido), enfim, todo repertório importante existente naquele momento, realizado com perfeição e em instrumentos com sonoridades que jamais tinha sonhado. Mas o que mais me chamou a atenção foi o violonista uruguaio Balthazar Benitez, que tinha uma maneira de tocar diferenciada, mas não por seu virtuosismo, mas sua forma de segurar o instrumento, sua técnica da mão esquerda e direita, a sonoridade mais clara e limpa, enfim, um conjunto de detalhes que o diferenciava dos colegas, e seu perfeito trêmulo que era seu cartão de visitas. Nos tornamos amigos e soube que seu professor no Uruguai era Abel Carlevaro, que além de excelente didata era compositor. Conheci algumas de suas composições que Benitez tocava: Campo, da série “Prelúdios Americanos” e alguns estudos de seu livro “Técnica da Mão Esquerda”.

As aulas transcorreram sempre com algumas surpresas quanto ao repertório e a performance dos colegas. Teve no final do Festival um concurso na classe de violão, que eu também participei, mas ficou como vencedor Gabriel Estarellas, e em segundo lugar Balthazar Benitez. O prêmio foi o almejado violão Ramirez. Concluindo o curso fui para Madri onde fiquei alguns dias e fui até as lojas de música para comprar algum material e em seguida fui até Paris, que fiquei uma semana, onde conheci outros dois grandes violonistas: Alberto Ponce e Beethoven Davesac, mas a minha meta era ir até a loja da editora Max Eschig e Henry Lemoyne, que pude comprar um bom material para minha pesquisa sobre o repertório violonístico. Voltei outra vez

para Madri, onde estava hospedado com um dos colegas de Compostela, o mexicano Pedro Sérgio Salcedo e depois de alguns dias voltei para o Brasil. Uma das resultantes importantes desta minha primeira aventura foi a troca de correspondência que mantive com alguns colegas que ficaram mais próximos, foram muitos anos que troquei informações e o andamento do violão em várias partes do mundo, e vários deles foram organizadores de Festivais ou se tornaram concertistas, professores e compositores, que tive a oportunidade de seguir seus trabalhos por um longo período.

Por uma feliz coincidência, logo que cheguei ao Brasil soube do Seminário Internacional de Violão Palestrina, que era realizado em Porto Alegre e que Abel Carlevaro estaria lá dando aulas. Fui saber como fazia para se inscrever neste evento e assim que aconteceu, foi no mês de julho de 1.971, estava eu lá neste outro evento violonístico. Assim vim a conhecer este grande mestre que veio modificar e organizar minha maneira de dar aula e meu enfoque da técnica do instrumento. É claro que em meu primeiro contato com Carlevaro e tendo assistido suas aulas em masterclasses, não pude nesta ocasião compreender seu sistema, mas tive outra surpresa, ele me convidou para ir ao Uruguai me dando uma bolsa de estudos, isto é, me daria aulas de graça, e no outro ano estava em Montevidéu tomando suas aulas e compreendendo melhor seu sistema, pois tinha todo o dia para estudar todos os detalhes que ele expunha em suas aulas. O que facilitou muito a compreensão da “Escola Carlevariana” outra grande vantagem era eu estar hospedado na casa de Eduardo Fernandez, que me tirava todas as dúvidas que ocasionalmente aconteciam; Fernandez foi aluno de Carlevaro durante muitos anos.

Em outro Seminário Palestrina que participei, fiquei conhecendo Guido Santorsola, que foi personagem importante em minha formação, aprendi com ele o valor exato das notas, limpeza na condução de todo movimento realizado, o fraseado com um acabamento perfeito, conduzir uma obra conforme o sentido dado por seu autor. Estudei com ele, também, harmonia, contraponto e análise musical. Com Santorsola tive uma visão do compositor não violonista, do maestro que exige uma ética na interpretação de uma obra, que não adianta apenas imitar um grande intérprete, mas você tem que analisar o que foi escrito e desenvolver sua própria visão do que está sendo tocado, colocar todos os componentes dentro da linguagem do violão e detalhar minuciosamente tudo o que foi escrito, dando ao ouvinte algo acabado e compreendido.

Estes dois maestros, Carlevaro e Santorsola, vieram no momento certo de minha carreira de violonista, cada um acrescentou componentes que foram enriquecer minha formação, que com o tempo amadureci e criei minha maneira particular de me expressar musicalmente, violonística e pedagogicamente. Mas foi o casuísmo de tê-los conhecido nos Festivais que freqüentei que me foi oferecida esta rara oportunidade. Como aluno freqüentei estes dois Festivais, o de Compostela e o Seminário Palestrina e em seguida passei a ser convidado a outros como professor, como o de Londrina (PR), Goiânia (GO), Montenegro, Vale Veneto e Palestrina (RS), Brasília, Vitória (ES), Fortaleza (CE) Cochabamba (Bolívia), Santo Tirso e Aveiro (Portugal) e Koblenz (Alemanha)

Posso acrescentar que um encontro de músicos, incluindo professores e alunos, por um determinado período, pode ser muito útil para reciclar conceitos, conhecer novas formas de tocar e ensinar, ampliar a visão quanto às reais possibilidades de fazer música, a diversidade quanto à prática centrada na originalidade de cada intérprete ou professor, ampliação do círculo de amizades com pessoas afins com seu instrumento, a possibilidade de novo direcionamento na maneira de estudar, conhecimento de um repertório novo, enfim, um complemento na formação do estudante. Além de reciclar os conhecimentos já adquiridos, os fortalecendo com uma visão nova, mostrando novos ângulos a serem explorados, é uma oxigenação de conhecimentos que irá aumentar as possibilidades de resoluções que não foram formuladas anteriormente, enriquecendo sobremaneira o sentimento prático e filosófico da profissão do músico

A profissionalização do artista requer esta constante reciclagem, a partir de um novo trabalho à realizar seja como intérprete, compositor, professor, arranjador ou qualquer uma das muitas possibilidades do ato de fazer músico, são atos contínuos de criatividade e uma nova idéia sempre dará a possibilidade de se chegar mais longe, de ampliar nosso ato artístico, de abrir novas portas em nossa mente e vislumbrarmos caminhos mais amplos. A multiplicação dos Festivais e Seminários que acontecem em todo mundo de hoje, é um sinal que desejamos estar participando em conjunto desta evolução. Não existe hoje o artista isolado da sociedade, ele tem que participar e compartilhar com seu trabalho de todo processo de aprimoramento da capacidade de pensar e selecionar o que convém à sua inteligência, esse poder seletivo nos fará crescer, desenvolvendo nosso espírito criativo em todas as direções assim nos tornando mais sensíveis em nosso relacionamento humano.

Fortaleza, 17 de julho de 2.001

PRIMER CERTAMEN INTERNACIONAL DE GUITARRA "MARÍA LUISA ANIDO" CIUDAD DE SAN LORENZO, SANTA FE, ARGENTINA

Organizado por la Asociación María Luisa Anido de Buenos Aires (AMLA) y el Ateneo Cultural San Lorenzo, con los auspicios de la Secretaría de Cultura de la Municipalidad de San Lorenzo y el Ilustre Senado de la Provincia de Santa Fe.

13 Y 14 DE SEPTIEMBRE DE 2008

Bases en <http://www.asociacionanido.com.ar>

Primer Premio: \$3000 y un pasaje ida y vuelta a Barcelona para concursar en el Certamen Miguel Llobet 2009

Segundo Premio: \$2000 y una guitarra del luthier argentino Fernando Mazza

Tercer Premio: \$1000

Edad límite: hasta 37 años cumplidos al 15 de septiembre de 2008

Informes e inscripción por e-mail: infoweb@asociacionanido.com.ar

sergio.moldavsky@gmail.com cid.cristina@gmail.com

Teléfonos: (54 11) 15 5806 2178 (54 11) 15 6555 3512

Seminário Internacional Vital Medeiros com novo fôlego

por Jorge Santos (Bacharelado em Violão da UNIRIO)

Prova de insistência e espírito empreendedor, o **VII Seminário Internacional Vital Medeiros** consolida-se no cenário violonístico brasileiro como um dos eventos mais relevantes do calendário nacional. Esta edição teve lugar na cidade de *Suzano* - vizinha a até então sede do evento *Mogi das Cruzes* - e contou com um apoio institucional da prefeitura Municipal de Suzano significativo, que possibilitou uma estrutura de qualidade que incluía café da manhã, alojamento, master-classes, palestras e concertos, por um preço praticamente simbólico. A programação, a cargo do diretor artístico Gilson Antunes, primou pela diversidade e qualidade, apresentando também alguns nomes até então obscuros ao ouvidos tupiniquins. Uma das características do Seminário é a intensa programação de atividades didáticas que otimiza o tempo dos alunos, caracterizando um verdadeiro mergulho na programação e a sensação de que o tempo fora bem empregado para os alunos oriundos de mais de 15 estados brasileiros.

A série de concertos foi aberta em 01/05 pelo jovem violonista **Luciano César Moraes**, que tocou um exigente programa incluindo obras de John Dowland e o Nocturnal de Benjamin Britten, demonstrando cuidados na sua condução do discurso musical. Os recitais da noite mostraram o violão no seu caráter mais autoral. **Camilo Carrara**, músico mais associado ao cenário da música popular brasileira, apresentou obras de seu CD *Canção do Sol Nascente*, com arranjos de melodias tradicionais japonesas. A seguir, o violonista chileno **Javier Contreras** tocando obras de sua autoria, surpreendendo o público com a engenhosidade e virtuosismo indefectível de suas obras, que evocaram a imagem de Agustín Barrios. O segundo dia de concertos foi marcado pela tradição. O violonista piauiense **Erisvaldo Borges** é prova viva da força do violão brasileiro. De um virtuosismo assombroso, e uma linguagem interpretativa e autoral pessoal, o músico é uma referência na região nordeste e mereceu a atenção e aplausos de todos. Os dois concertos da noite trouxeram **María Haro** e **Juan Francisco Ortiz**. A violonista uruguaio-brasileira, professora da UNIRIO e membro fundadora da AV-RIO, apresentou um concerto marcado pela verve que lhe é peculiar e pela sonoridade sólida e marcante. O franco-espanhol **Juan Francisco Ortiz** é descendente direto da tradição segoviana. Seu concerto trouxe um misto de nostalgia e fino pensamento musical, polidos por uma sonoridade cristalina e um repertório pouco tocado. O terceiro dia de concertos poderia ser chamado de "panorama do violão de concerto na atualidade", com programas que mostram a força do violão de concerto atual na América do Sul. **João Carlos Victor** é um dos nomes de destaque certo no cenário violonístico num futuro breve, não apenas brasileiro mas possivelmente internacional. Dono de uma facilidade técnica pouco comum, o músico baiano parece começar a atingir a tão difícil maturidade musical, dando mostra de pensamento musical próprio - demonstrada pela sua interpretação da Chaconne, de Bach, serena e de digitação e articulação bastante pessoal. Músico maduro, de grande conhecimento estilístico e poderosa imaginação musical, **Walter Ujaldón** realizou o que possivelmente foi o melhor concerto do Seminário. Honrou a tradição argentina com especial destaque para suas transcrições de Haydn e Mozart e sua interpretação equilibrada e precisa da Sonata Op.47 de Ginastera. O último dia nos trouxe o concerto do capixaba **Moacyr Teixeira Neto** com um programa de obras latino-americanas, com estréias de obras brasileiras e bolivianas. O Seminário foi encerrada pelo **Duo Argentis**, composto pelos violonistas mexicanos **Martin Candelária** e **Maurício Hernandez**. Criado em 2007, o Duo já demonstra uma intimidade musical afinada, com um gosto refinado ora em obras de bastante exigência técnica ora em peças de caráter marcadamente romântico. Mais uma vez há que se ressaltar a iniciativa de Juraci Barros, que marca seu nome na história recente do violão no Brasil pela importância que o Seminário ganhou ao longo dos anos, assim como Gilson Antunes, sempre levando a frente projetos que enriquecem e projetam a música e os músicos do Brasil e alhures.

Relembrando Thomas Humphrey (13/9/1948 - 16/4/2008)

por Sergio Abreu, Rio de Janeiro, 23 de abril de 2008

Lamento profundamente o falecimento do grande amigo e luthier Tom Humphrey na semana passada em sua residência em Gardener, no estado norte-americano de Nova York. Desde que conheci o Tom, em 1977, imediatamente reconheci nele um grande ser humano: íntegro, sincero, afável, generoso, espontâneo, jovial - e inteligentíssimo. Mas ele era também um artista criativo, dotado de extraordinária imaginação e de alma sensível e poética. Como profissional era sério, determinado, batalhador, e incansável. Havia estudado violoncelo quando adolescente, e tenho certeza de que teria sido um excelente músico se tivesse prosseguido.

Lembro-me com carinho de nossa estreita convivência sempre que eu ia a Nova York, tanto em seu apartamento em Manhattan quanto no da Alice Artzt (onde eu me hospedava), que ele visitava freqüentemente. E nos víamos sempre nas principais salas de concerto da cidade e em vários cafés e restaurantes. Lembro-me também de sua visita ao Rio de Janeiro, creio que em 1984 ou 1985, quando tive o prazer de hospedá-lo no apartamento da Rua Xavier Leal, em Ipanema, para onde eu estava transferindo minha oficina.

Tínhamos em comum a paixão pela música, pelo violão, pelas artes, pela boa mesa, e pela vida. Não importava que nem sempre tivéssemos as mesmas opiniões, pois era mútua nossa admiração e respeito. E gostávamos de trocar idéias sobre lutheria durante longos e estimulantes debates que geralmente atravessavam as madrugadas.

Fomos apresentados por um amigo comum, o violonista e alaudista Pat O'Brien, quando eu buscava um luthier que pudesse me ensinar os fundamentos práticos dessa arte - anos antes Pat havia trabalhado com David Rubio, quando este ainda estava nos Estados Unidos. Prontamente o Tom se ofereceu a me ajudar no que fosse possível, porém tive um certo constrangimento inicial já que ele se recusou terminantemente a aceitar qualquer pagamento. Mas não demorou muito para eu me sentir totalmente à vontade e passei quase dois meses indo diariamente à sua oficina, onde permanecia durante horas seguidas aprendendo a afiar e usar formões, a plainar peças de madeira, fazer colagens, regular e usar máquinas etc. Como se não bastasse, ele também me levou às principais lojas da cidade e me orientou na compra de várias das máquinas e ferramentas que uso até hoje.

Procurado apenas pelos violonistas da cidade quando o conheci, acompanhei seu merecido crescimento profissional até se tornar um luthier célebre e internacionalmente reconhecido cujo nome dispensava apresentação. Em pouco tempo sua oficina se tornou um ponto de referência para violonistas visitantes do mundo inteiro. Presenciei inúmeras situações divertidas durante nosso convívio. Pouco depois de o conhecer, a Alice e eu gostávamos de brincar com ele comentando sobre os "patos" de uma das rosetas que ele mesmo havia feito. Ele protestava insistindo que não eram patos, eram cisnes. Na verdade eram bem charmosos, só que o mosaico não tinha altura suficiente para caracterizar o pescoço dos cisnes. Mas logo ele começou a fazer modificações e, após várias experiências, chegou eventualmente a uma roseta extremamente elegante e de grande beleza - com flores em vez de cisnes. Como ele era fanático por pássaros, numa das viagens lhe levei de lembrança uma gaiivota de madeira feita para se pendurar em lugar alto, dessas que tinham uma cordinha que se puxava e as asas se mexiam, realmente muito bonita e bem feita (na época eram comuns nas lojas para turistas aqui em Copacabana). Fiquei algumas semanas fora e, quando retornei, a Alice me disse para ir à casa do Tom que eu ia ter uma surpresa e tanto. Quando cheguei lá o teto do apartamento inteiro estava coberto de pássaros com cordinha que ele mesmo tinha feito, cada um diferente do outro.

Certa vez combinamos de ir assistir Rudolf Nureyev, que fazia uma única apresentação em Nova York em homenagem a Nijinsky. No programa, Petrouchka, Parade, e L'après-midi d'un Faune, nas coreografias originais de Nijinsky para o Balé Russo. Eu comprei as entradas com antecedência e, no dia, marcamos de nos encontrar na porta do teatro faltando 15 minutos para as 8. Chegamos, ele me reembolsou pelo ingresso dele, mas de repente o ambiente ficou estranho, o foyer começou a encher de gente. Aí fui conferir no bilhete e o espetáculo estava marcado para as 7 horas, não para as 8 como era habitual na cidade. Por pura distração minha perdemos Petrouchka, que segundo a crítica do New York Times foi memorável. Procurei compensar convidando-o para jantar num ótimo restaurante indiano no dia seguinte, junto com a Alice, que estaria chegando de uma turnê.

Pouco nos vimos depois que ele se mudou - com sua adorável esposa brasileira Marta e as duas filhas - para a imponente e confortável casa que ele mesmo projetou em Gardner, a três horas de N. York. Porém, quando os visitei em outubro de 2000, a sensação foi a de que apenas algumas semanas se haviam passado desde nosso encontro anterior cinco anos antes, ainda em Nova York.

A Marta, Gabriela, e Adriana, minhas sinceras condolências pela perda irreparável.



Foto: Tom e Martha Humphrey na sua residência com Sergio Abreu (1985).

AGENDA JULHO-AGOSTO

04/07. **Duo Lachrimae. Gisele Diniz: soprano/ Jorge Santos: violão.** Sala Villa-Lobos, Av. Pasteur, 436 F, UNIRIO. 20:00. Entrada franca. Obras de Dowland, Purcell, Brahms, Britten, Villa-Lobos, Santoro e Krieger.

06/07. **Duo Lício Bruno: baixo-barítono e Nicolas de Souza Barros: violão de oito cordas.** Planetário do Rio de Janeiro. 12:00. Obras de Castelnuovo-Tedesco (Platero y yo), Falla, Bach (Toccatina e Fuga BWV 565), Rogério Rossini, Villa-Lobos e Tacuchian. Entrada franca.

08/07. **Andressa Chinzanan: soprano e Ítalo Aoki: violão.** Obras de Dowland, Carulli, Sor e Gomes. Casa França Brasil. Entrada franca. 12:30.

17/07. **Felipe Maravalhas: alaúde e guitarra barroca.** Obras de Paladín, Roncalli e Bach, entre outros. Museu da República. Entrada franca. 12:30.

21/07. **Clarice Szanbrum: soprano e Nicolas de Souza Barros: teorba e alaúde.** Obras de Byrd, Purcell, Scarlatti e Durante. Real Gabinete Português de Leitura. Entrada franca. 12:30.

26/07. **85º ENCONTRO DE VIOLÃO da AV-RIO. Eduardo Minozzi (SP - EUA): violão.** Sala Villa-Lobos, 18:00, entrada franca. Obras de Scarlatti, Miranda, Handel, Berkeley e Gismonti.

28/07. **Flavia Bonnan: soprano e Bruno Correia: alaúde.** Obras de Dowland, Morley, Johnson e Rosseter. Real Gabinete Português de Leitura. Entrada franca. 12:30.

30/07. **Clarice Szanbrum: soprano e Nicolas de Souza Barros: teorba e alaúde.** Obras de Byrd, Purcell, Scarlatti e Durante. Museu da República. Entrada franca. 12:30.

30/08. **86º ENCONTRO DE VIOLÃO da AV-RIO. Henrique Conde e Felipe Rodrigues, violões.** Sala Villa-Lobos, 18:00, entrada franca. Obras de Paganini, Milano, Regondi, L.O. Braga e outros.

86º ENCONTRO DE VIOLÃO

30 de agosto de 2008

Henrique Conde e Felipe Rodrigues

18:00. Entrada Franca.

UNIRIO: Sala Heitor Villa-Lobos. Entrada franca.

Av. Pasteur 436 fundos, Praia Vermelha.

1ª parte: HENRIQUE CONDE

- | | |
|-------------------|--|
| J. S. Bach | - Prelúdio BWV 1006 a |
| Augustin Barrios | - La Catedral
I. Prelúdio II. Andante II. Allegro |
| Niccolo Paganini | - Allegro Risoluto
(da: <i>Grande Sonata para Violão</i>) |
| Luiz Otávio Braga | - Pequena Suite (2008)
I. Tocata
II. Canção Urbana
III. Homenagem a João Pernambuco |

2ª parte: FELIPE RODRIGUES

- | | |
|-----------------------------------|--|
| Laurencini
Francesco da Milano | - Fantasia
- Ricercare LVII |
| Isaac Albeniz | - Mallorca (arr. de N. S. Barros) |
| Giulio Regondi | - Reverie Op. 19 |
| Radamés Gnattali | - Brasilianas No. 13
I. Samba Bossa-Nova
II. Valsa
III. Choro |

HENRIQUE CONDE

Iniciou seus estudos de violão com a professora Mara Ribeiro (Rio, RJ), também estudando percepção e teoria musical com Daniel Costa. Em 2007, ingressou na classe de Bacharelado em Violão da UNIRIO, sendo atualmente orientado pelo Dr. Nicolas de Souza Barros. Em 2006-07, fez parte da *Camerata Portátil* da Escola Portátil de Choro, e em 2005-06 o grupo de flamenco *Solo Compás*. Participou da Orquestra de Violões formado no XII Festival Dilermando Reis (Guaratinguetá, SP, 2007), também tocando no “Tributo a Victor Biglione” no Mistura Fina (fevereiro – 2008).

FELIPE RODRIGUES

Felipe Rodrigues iniciou os seus estudos de música em 1996 com o professor Hélcio Fonseca. Atualmente estuda com Nicolas de Souza Barros (Bacharelado em Violão, UNIRIO). Integrou entre 2002-2005 o *Quinteto Sescoutu de Violões*, com o qual participou de dois CD's da Associação de Violão do Rio e tocou na Sala Cecília Meireles e no Teatro Municipal de Niterói, entre outros. Participou de oficinas instrumentais com Turíbio Santos e a alemã Nora Buschmann. Concursos: 1º Prêmio da III Seleção de Jovens Talentos da AV-Rio (2005); 1ª colocação do V Prêmio de Violão UNIRIO (2006); 3º Lugar do XII Concurso Nacional de Violão Souza Lima (2006); 2º Lugar no VIII Concurso Nacional Villa-Lobos de Violão (Vitória, ES, 2007); 2º Lugar do XI Concurso Nacional de Violão Musicalis (São Paulo, 2007). Integra o *Quarteto Carioca de Violões* e o Duo Oazem-Rodrigues, com a soprano Laila Oazem.